

Prezado Pedro,

Confesso que fui tomado de surpresa com seu email. Afinal, encontro-me enfrentando esses duros problemas desde a renúncia em março de 2014 da diretoria legitimamente eleita e do conselho curador, o qual por sua vez, era escolhido em minha unidade - o IO. Obviamente, isso afetou de sobremaneira minha saúde e ainda a afeta.

Gostaria de também dizer que **sou filiado à nossa Adusp desde meu primeiro dia na USP no ano de 1997 (faz 21 anos, portanto)**. Tive a honra de representar minha unidade por 2 anos como conselheiro entre 1998-2000, salvo engano. E espero, muito sinceramente, receber o respeito desta associação. Por tal, permito-me contextualizar suas perguntas no universo Fundespa que tenho conhecimento e me apresentar efetivamente a você para além das respostas às suas três perguntas

Mantive e espero manter minha filiação após a publicação da reportagem, pois, dada a minha posição política, não me concebo sendo um docente não-sindicalizado. Soube desde o início da posição contrária da Adusp em relação às fundações. Por acreditar na pluralidade de ideias e pensamentos conviventes numa democracia e, ainda mais, no ambiente universitário, decidi concorrer para diretoria de extensão na chapa do Prof. Tommasi em 1999. Acredito na importância da divergência de opiniões e no contraditório. Isso se traduz na riqueza de pensamento que caracteriza nossa universidade.

Assumi a diretoria de extensão porque acreditava que podia usar parte da taxa administrativa recolhida para trabalho social. E isso foi um compromisso assumido com o Prof. Tommasi, desde meu dia primeiro na Fundespa. Ambos sempre concordamos que a Fundespa jamais se envolveria em ministrar cursos de extensão e interpretávamos isso como "competir" com a universidade-principalmente por nossa área ser de ciência pura e aplicada. Prof. Tommasi preferiu sempre, nos anos em que trabalhamos juntos, apoiar a CCEX-USP. **Acredito e defendo o ensino público e gratuito em todos os níveis**. Sou fruto desse sistema que me permitiu começar numa escola pública no Encantado, subúrbio da zona norte do RJ, passar pelo Colégio Pedro II (colégio federal criado para educar o imperador e de tradição e qualidade), UERJ, USP, UNH e MIT (nos EUA, com bolsa do CNPq).

Mas, também acredito e defendo a interação da universidade com o setor produtivo e a sociedade. Afinal, a USP é mantida com recursos advindos de impostos de ambos.

Assim, montei vários projetos de cunho social e com intento de levar educação ambiental às crianças e adolescentes de escolas públicas da capital e da periferia. Entretanto, as atividades de assessoria na área de Oceanografia flutuam muito. Precisei pensar em algo que viabilizasse a regularidade da execução de meus projetos. Por feliz coincidência, neste momento, a primeira tese do IO e FE era defendida pelo Prof. Miguel Thompson (hoje Diretor Executivo do Instituto Singularidades) e, com seu inestimável apoio, montamos um estudo de meio ao qual batizamos de "Escolas ao Mar" e o "vendemos" às escolas privadas para o ensino médio. A mão de obra utilizada eram os alunos de pós-graduação como monitores-supervisores e os alunos de graduação como executores. Antes da viagem, havia curso de treinamento. Eu coordenava a ministração deste treinamento sempre realizada tanto pelos alunos de pós

quanto minha equipe na Fundespa. Os alunos eram remunerados para tanto com bolsas de curta extensão e certificados de participação emitidos. Com os recursos arrecadados no "Escolas", realizávamos duas edições de um segundo projeto, o "Descobrimo o Mar", nas escolas públicas. Se no primeiro programa consistia em levar os mais escolas mais abastadas ao Mar, o segundo, visando abranger um número maior de alunos da periferia, levava o Mar até as escolas públicas, além de outras questões relativa à cidadania.

O projeto "Escolas ao Mar" até chegou a ganhar o apelido de "Robin Hood marinho", o qual reputei como injusto, pois não roubávamos "dos ricos", ao contrário, ministrávamos estudos de meio customizados e num nível USP de fazê-los. Sempre a mão de obra básica era a equipe de três pessoas que o Prof. Tommasi me permitiu contratar e os alunos de graduação e pós do IO. Julgava isso ser um círculo virtuoso, que perdurou por mais de 12 anos. Era muito comum os alunos vestirem a camisa da Fundespa com orgulho e serem vistos com elas pelos corredores de nossas unidades.

Com o amadurecimento de minha equipe, toda formada por alunos egressos do IO, fizemos um "concurso" para provocar que nossos alunos criassem eles próprios um projeto de educação ambiental marinha para o ensino fundamental, em particular, entre 4a e 9a séries. Foi assim que um grupo de alunos da turma V do nosso Bacharelado criou o "Defensores do Mar" apenas para as escolas públicas da periferia e de nossas vizinhanças menos favorecidas.

Nosso trabalho rendia milhares de *hits* em nosso *blog* ao mês, reportagens em jornais de bairro e distribuídos nos sinais de trânsito, e mais tarde, da Secretaria de Educação de nosso estado, com quem fizemos longa parceria.

Orgulho-me muito da repercussão que tudo isso trouxe à Fundespa e que conduziu ao reconhecimento de empresas públicas suscitarem nosso *know-how*. Em 2007, realizamos um trabalho solicitado pela TRANSPETRO em São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba de formação e multiplicação de educadores ambientais dados aos professores de escola pública da região. Recrutei especialistas de nossa USP e vários alunos egressos de nossa pós. O material didático gerado era usado na forma digital até o ano da renúncia por várias escolas do litoral norte. Eu tenho uma única versão *hard-copy* deste material a qual, se desejar, posso enviar para seu exame quanto à qualidade do produto gerado.

Tinha outras atividades dentro da área de extensão, além dos programas sociais, que eram a de selecionar estagiários, processos seletivos para funcionários da área técnica da Fundespa e administrar e conceder via CPG e CG bolsas de pós-graduação e de monitoria ao IOUSP.

Outra atividade que muito gostava era oferecer a TODOS os alunos de graduação em Oceanografia um curso de mergulho científico custeado integralmente pela Fundespa e em parceria tanto com o CA-Panthalassa quanto a IO-Jr, ou seja, sempre envolvendo nosso alunado. Também financiávamos, províamos estrutura e participávamos junto com o CA do Dia Mundial de Limpeza de Praias, sempre em Ubatatuba, onde o IO tem uma base costeira.

Meu colega diretor de Pesquisa, Prof. Gaeta, por saber de meu relacionamento mais próximo com o corpo discente, inclusive muitas vezes me delegou a escolha de estagiários para trabalhos de campo e atividades embarcadas. Prof. Gaeta concedeu dezenas de oportunidades de trabalho temporário em seus projetos e centenas de estágios de trabalho de campo para nossos graduandos. Nossos alunos sempre foram remunerados, visto que nossa intenção era contribuir na formação do conhecimento aplicado e também na formação enquanto profissional, vendendo sua força (braçal e intelectual) de trabalho.

Por fim, em termos de minha atividade-fim na Fundespa, menciono a questão do empreendedorismo. O curso de Bacharelado do IO começou a receber alunos em 2002 e, a partir da Turma IV (ingressada em 2005), era visível o interesse dos alunos em empreender com o advento da expansão da Oceanografia Operacional e Aplicada, catapultada com o início da exploração do Pólo do Pré-Sal. Assim, apoiamos com ajuda dos profissionais do nosso setor administrativo, nossos jovens oceanógrafos que desejavam abrir empresas de consultoria e de educação ambiental (por sinal, inspirada nos programas sociais supramencionados).

Entretanto, resolvemos (digo, a diretoria) encampar a ideia de encubar empresas de nossos egressos, com a condição destes envolverem estagiários de nossa graduação ou estarem eles próprios em nossa pós, sem bolsa acadêmica. Foi assim que Prof. Tommasi modificou os cômodos atrás da sede na Av. Afrânio Peixoto no. 412 para incubar empresas, entre elas uma de criação de animais marinhos exóticos ornamentais, a Eco-Reef. Hoje esta empresa está sediada no Butantã, recebe estagiários entre os graduandos do IO e emprega apenas oceanógrafos lá formados.

Dois pontos antes de responder às suas perguntas: (1) não fui remunerado por essas atividades durante os quase 15 anos de fundação, (2) meu trabalho na diretoria da Fundespa era concentrado nos almoços de terças e quintas e geralmente nas quartas pela tarde. Jamais deixei de cumprir minhas obrigações, seguindo estritamente o RDIDP. Acho que meu CV Lattes fala por mim mais do que os parágrafos adicionais que poderia inserir a esse texto.

Com o tempo de dedicação que tive, fica límpido que o sucesso da diretoria de extensão se deve a meu corpo técnico, formado por ex-alunos e estagiários avindos da graduação do IOUSP, a quem expresso grande gratidão e orgulho.

1. [O juiz da 44ª Vara Cível declarou extinta ação ajuizada pela Fundespa em agosto de 2015, em que o sr. figurava como réu ao lado do professor Luiz Roberto Tommasi e das empresas Porte e PL. O sr. tem algo a declarar a respeito?](#)

Reflete a mais absoluta realidade, qual seja, os diretores da Fundespa jamais, em tempo algum, atuaram em detrimento dos mais legítimos interesses da Fundação, não tendo praticado qualquer irregularidade.

No caso específico, não fiz nada além de assinar um cheque para pagar atividades de um dos chamados projetos executivos, o PAPP, executado entre TRANSPETRO e Fundespa, seguindo os procedimentos administrativos e estatutários previstos para a liberação de pagamentos, que sempre contou com atestes dos responsáveis pelos

projetos, além da liberação pelo responsável financeiro. O PAPP se tratava de programa de compensação ambiental às comunidades de pescadores do litoral norte.

Gostaria de declarar minha profunda tristeza pela extinção da fundação e não da ação. Esta foi decretada pelo juiz 12ª vara cível no dia 26 de fevereiro de 2018.

A meu ver, a Fundespa que deixei em 2014 era uma fundação pujante e superavitária em pelo menos 9 milhões de reais (não possuo os números exatos). Ainda que existissem questões tributárias e jurídicas a serem resolvidas, estas eram tratadas de maneira absolutamente responsável e transparente, sempre com o acompanhamento do Conselho Curador, que, inclusive, aprovou todas as contas da Fundação, no período que permanecemos como diretores.

2. Em outra ação, em curso na 19ª Vara Cível desde março de 2016, o sr. é réu ao lado dos professores Tommasi e Salvador Airton Gaeta e das empresas Samil, L&W e Hidromares. A Fundespa exige que o sr. devolva a quantia de R\$ 920 mil recebida pela empresa Hidromares, por conflito de interesses. O sr. confirma que exercia o cargo de diretor de extensão e eventos da fundação quando firmado o contrato com a Hidromares, sendo ao mesmo tempo um dos sócios dessa empresa?

Veja, o que apresentei acima foi a descrição do “Ilson diretor de extensão”, não do “Ilson consultor”, cientista e pesquisador das grandes correntes oceânicas que passam pelo nosso talude continental, e portanto, em cima do pré-sal e todos reservatórios pós-sal também. Durante algum tempo, fui o único especialista no país da área e sou aquele que mais tem trabalhado com o Centro de Pesquisas da Petrobras desde 2000 na oceanografia física do talude.

Entretanto, como eram esses meus projetos com o CENPES? Eram projetos que visavam longos levantamento de campo, modelagem hidrodinâmica analítica e numérica, análise de dados pretéritos e dos que foram por nós coletados. Dos cinco TACs exigidos pelo Ibama à Petrobras sobre as Bacias Sedimentares de Exploração, trabalhei em quatro deles. Obtive autorização da CERT e dos colegiados do IO em todos. O ponto a meu ver não é o prolabore recebido por mim, mas sim que esses projetos não foram e não são "projetos clássicos" de assessoria e consultoria.

Sempre discuti com o CENPES que o projeto coloque, além dos *overheads* e taxas institucionais, a maior parte dos recursos no equipar e manter o laboratório, prover bolsas de estudo nos três níveis (IC, MS, DR), e principalmente, poder utilizar os dados dos caros levantamentos realizados em teses e dissertações dos meus alunos e publicações científicas. A abordagem e o aprofundamento das pesquisas, a qualidade do trabalho, etc fariam que esses projetos hoje fossem categorizados como de **Pesquisa e Desenvolvimento**. Nunca fiz assessoria apenas pelo recebimento do dinheiro. Não aceitaria um contrato sequer dessa forma. Sempre usei-os para produzir boa ciência a ser aplicada numa empresa pública e simultaneamente formar recursos humanos no IO e equipar meu laboratório para que meus orientados produzissem mais e com mais qualidade científica. Mas, também procurei melhorar a infraestrutura de meu Depto. como descreverei abaixo.

Quando eram contratos e não convênios, o saldo dos projetos era utilizado para estender a duração de bolsas, reformar o saudoso Navio Oceanográfico W. Besnard (isso é

passível de fácil confirmação nas edições do Diário de Bordo, boletim informativo do IO), na reforma e aparelhamento do laboratório de instrumentação oceanográfica, do centro de calibração de sensores oceanográficos, do grupo de análise de dados do meu departamento, de doação de equipamentos de oceanografia para o laboratório didático, de passagens e estadas para dos alunos em congressos nacionais e internacionais, etc. A primeira “mesa girante” do Brasil, equipamento fundamental para experimentos físicos de fluidos geofísicos em laboratório foi adquirida e doada por mim ao Laboratório Didático de Oceanografia Física do IO.

Realizei também projetos (estilo P&D, embora à época não se chamassem assim) para a Shell Brasil. O acordo com a Shell via Fundespa se deu na forma daqueles com o CENPES.

Ao longo dos meus 21 anos de carreira na USP, orientei 35 títulos na pós-graduação. Todos trabalham na área de Oceanografia Física ou em correlatas (como Meteorologia, Mecânica de Fluidos, Modelagem ambiental, etc). Destes, tenho alunos hoje docentes de universidades federais e estaduais, vários na academia e empregados no exterior (EUA, Bélgica, Nova Zelândia e Japão). Sem falar nos que preferiram fazer o doutorado no exterior face à internacionalização de contatos e conhecimento que nossas viagens acadêmicas os propiciaram. Vários destes receberam bolsas de meus projetos e se expuseram no exterior com recursos que nossa PG não teria condições de oferecer. Cito também que todos os 35 títulos foram aprovados em suas defesas por unanimidade. Fui um dos pioneiros na unidade em ter orientados a defender com bancas formadas membros de instituições estrangeiras fossem presencialmente ou por videoconferência. Novamente, os recursos usados nas vindas destes professores sempre foi custeado pelos meus projetos com o CENPES ou Shell. A CPG-IO cobria as diárias deles aqui.

Entre 2004 e 2017, levei projetos para a Fundespa que acredito em valores atualizados girar em torno de 20 milhões. Sim, levei para que a Fundespa agisse como interveniente administrativa e não como executora. Quem executou fomos eu e os colegas que participaram destas pesquisas. Tenho declarações de colegas da Petrobras que coordenaram estes projetos ou pelo lado do CENPES que atestam o que disse.

A Fundespa sempre recebeu sua taxa de administração pelo acompanhamento dos projetos, transferindo para a USP recursos relacionados às taxas, recolhimentos, além de manutenção e doação de equipamentos à sede do IO ou ainda recursos indiretos para os alunos da USP.

Em relação à ação em curso na 19ª Vara Cível, a FUNDESPA sequer indicou a que período se refere os serviços que estão em discussão, sendo que, desde o ano de 2013, nenhum dos sócios da Hidromares tem qualquer função na Fundação. Mas, de todo modo, a contratação entre a Hidromares e a FUNDESPA era lícita e possível, como autoriza o próprio Estatuto Social da FUNDESPA, não havendo incompatibilidade entre os cargos de membro da FUNDESPA e o de prestador de serviços. Todos os serviços contratados foram prestados de forma regular, séria, profissional e comprometida pela HIDROMARES, que jamais se envolveu em assuntos de gestão da Fundação.

Contextualizado esses fatos, agora respondo à sua pergunta "sim" ou "não". Sim, fui diretor de extensão entre 1999 e 2014.

No entanto de forma alguma, vali-me da posição de diretor para qualquer benefício ou favorecimento. Ao contrário, ao levar meus projetos para a Fundespa e, não para outra fundação, contribuí com os recursos para manter a fundação via taxa de administração. Não faria sentido e seria até desleal levar meus projetos, que nada são relacionados à minha atuação como diretor, para FUSP, FDTE, etc.

O que talvez não seja de conhecimento seu, Pedro, é que por lealdade, amizade e confiança aos funcionários técnicos e administrativos, continuei a levar e a manter projetos com a Petrobras para a Fundespa, mesmo após deixar a diretoria. E recebi através de "PJ", por uma outra empresa que montei com minha esposa - a Vorticity Ltda. Ela tem formação administrativa e a gerenciou no curto tempo em que a empresa existiu.

Tenho organizado, face à detratção que venho sofrendo, todo o conjunto de relatórios (muitos milhares de páginas), as teses geradas nestes e os artigos científicos, que comprovam cabalmente todo o trabalho realizado. Que fique claro que este trabalho não se confunde com a atuação como Diretor Extensão da Fundação, fazendo, portanto, jus à remuneração recebida.

Na realidade, no meu contrato do projeto para investigar a hidrodinâmica da Baía do Espírito Santo com o CENPES tinha um saldo superior a 400 mil, que não foi pago pelo administrador judicial, sob o argumento de que deveria aguardar as apurações que fazia. Possuo longa troca de emails com ele e a diretora comercial a fim comprobatório do que digo. Tive de cortar bolsas de vários alunos e dispensar o pós-doc por conta disso.

Parte destes recursos destinava-se para montar uma sala de video-conferência dedicada unicamente às aulas que co-ministro em tempo real como o MIT e ministrarei futuramente com a UMass. Acredito que esta iniciativa destes cursos internacionais e iterativos MIT-USP deva ter contribuído, ainda que de menor forma, para a subida de conceito da pós-graduação de minha unidade visto que a ascensão ao conceito 7 da CAPES é intrinsecamente relacionada à internacionalização. Menciono também que tal infraestrutura é vital para manter o programa de dupla titulação em nível de doutorado de Ciências do Mar USP-UMass, o segundo programa internacional da nossa USP em nível de pós e o primeiro do Brasil em Ciências do Mar, e que ora se encontra em renovação. Minha diretora agora busca recursos de outras fontes para tentar viabilizar a sala de aulas com video-conferência e *smart-board*. No momento, utilizamos uma sala experimental da graduação em seus horários vagos.

3. A que o sr. atribui a situação crítica vivida atualmente pela Fundespa?

Infelizmente, não há situação crítica, há morte. A fundação foi extinta.

O que outrora era uma fundação pujante, admirada pelos alunos do IO que orgulhosamente usavam as camisetas com seu logo e desejavam fazer o trabalho social e técnico, que eu e Prof. Gaeta respectivamente conduzíamos, as últimas quatro turmas ingressadas em nosso bacharelado sequer conhecem seu nome.

Em 2011, a Fundespa havia se tornado a maior empregadora de oceanógrafos do Estado de São Paulo. Hoje é cinzas.

A Fundespa registrou crescimento contínuo até 2014 e ao longo de suas quase três décadas de existência. Prof. Tommasi foi quem cuidou dela e a transformou em algo distinto das outras fundações. Na ocasião da renúncia, recordo-me que o Curador das Fundações do MP-SP até se surpreendeu com o volume de trabalho social realizado tanto assim que solicitou que permanecesse à frente dos projetos sociais mesmo após minha saída.

Não continuei à frente pois previa que o administrador judicial poderia ter problemas com minha presença lá face a meus detratores, aqueles que fizeram as denúncias ao MP contra a diretoria que participei e cujos entevistos entre nós levaram ao desfecho da renúncia coletiva.

Prof. Tommasi no dia 30 deste mês completa 86 anos. Este cientista notável, até hoje reconhecido como um dos maiores especialistas em equinodermos (estrelas do mar, ouriços, pepinos do mar, lírios do mar) do mundo. No terceiro terço de sua carreira na USP, reinventou-se, trazendo à baila o impacto ambiental. Durante vários anos, foi colunista da Folha sobre esse tema. Este que levava pilhas e pilhas de relatórios técnicos dos projetos da Fundespa para ler, editar, corrigir, e o mais difícil, concatenar partes envolvendo conceitos hidroquímicos, hidrodinâmicos, geológicos e biológicos. Esse trabalho infelizmente não existe mais, tendo seu estado de saúde piorado muito, devido a picos de pressão sofridos, tendo dois AVCs notáveis após a renúncia e o recebimento das citações referentes às duas ações na condição réu.

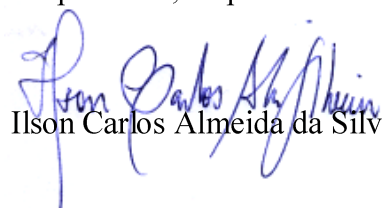
Recuso-me a culpar qualquer um, pois corro o risco de fazer a injustiça que acredito que ora fazem comigo. Não ofendi, não denunciei, não agredi ninguém, não menti e, principalmente, não obtive vantagens indevidas.

Portanto, seja qualquer o resultado final das duas ações, só há perdedores. A Fundespa não era uma mera repassadora de dinheiro entre contratante e contratado. Ela tinha vida, tinha propósito, tinha missão. Havia alguns erros administrativos, principalmente na organização documental das atividades nossas, e que agora são utilizados pelos detratores para promover maldosas medidas contra nós, mas sempre existiu enorme esforço para corrigir falhas e evoluir. Mas, nada disso significa desonestidade ou desvios.

Acredito que se não tivesse havido a renúncia coletiva, a Fundespa estaria viva, enfrentando dificuldades como todo país enfrenta desde 2014, mas viva, empregando e ajudando a espalhar pela sociedade o conhecimento que minha unidade gera.

Pedro, passei o domingo lhe redigindo essa carta. Peço que, por favor, leia-a e a despeito da posição da Adusp tradicionalmente contra a existência das fundações, analise minhas palavras. Peço que considere o que falei e que posso comprovar. Peço, em nome da confiança e estima que sempre depus na ADUSP, que a reportagem seja clara em relatar a situação de forma imparcial. Não sou criminoso, nem fraudador tão pouco. Por confiar na ADUSP, dignei-me a gastar tempo que seria dedicado à minha família para respondê-lo, de peito aberto.

Obrigado,



Ilson Carlos Almeida da Silveira, NUSP 1078962